

O uso de dicionários e tradutores *on-line* no Teletandem: um estudo exploratório

The use of dictionaries and online translators in Teletandem: an exploratory study

Jéssica Sordi SARTORI*

Lizandra Caroline ALVES**

Ana Cristina Biondo SALOMÃO***

RESUMO: Este artigo visa fazer um elo entre as áreas da Lexicografia Pedagógica e de Aprendizagem de Línguas por meio de telecolaboração. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, cujo objeto é o uso de dicionários e programas de tradução no contexto Teletandem por parte dos participantes. Os dados foram coletados no Laboratório de Idiomas da FCLAr por meio de gravação das sessões de mediação e entrevistas. Os resultados sugerem que poucos alunos utilizam essas ferramentas e somente suas versões on-line. Ademais, a escolha entre usar um ou outro depende de circunstâncias específicas, tais como uso para produção e compreensão oral, majoritariamente.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia pedagógica. Dicionários. Tradutores. Teletandem.

ABSTRACT: This study aims to link the areas of Pedagogical Lexicography and Language Learning through telecollaboration. This is a qualitative, exploratory research that will focus on the use of dictionaries and online translators by the participants in the Teletandem context. Data have been collected at the FCLAr Language Lab by recording the mediation sessions and interviews. The results suggest that few students use these tools and only use their online versions. Moreover, their choice of one over the other depends on specific conditions, such as their use mostly for production and oral comprehension.

KEYWORDS: Pedagogical Lexicography. Dictionaries. Translators. Teletandem.

* Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2384-5247>. jessica_sordisartori@hotmail.com

** Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7239-5898>. lizandra.carolinealves@gmail.com

*** Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1531-8551>. ana.salomao@unesp.br.

1 Introdução

O uso de recursos de comunicação síncrona (*chat*) e assíncrona (e-mail) vem crescendo em contextos de ensino e aprendizagem de línguas, não só em sala de aula, mas também fora dela (SALOMÃO, 2012). Segundo Garcia (2015), as conexões à internet têm agregado importantes valores ao ambiente educacional de línguas estrangeiras, transformando esse cenário, favorecendo um contexto motivador, autônomo e reflexivo.

Esses recursos tecnológicos, em particular os de comunicação síncrona, proporcionam uma interação significativa entre as pessoas de maneira colaborativa e promovem oportunidades de interação oral com falantes da língua alvo a distância, como é o caso do Teletandem (SALOMÃO, 2012). Essa proposta de ensino e aprendizagem de língua estrangeira é uma modalidade do ensino em tandem. A palavra tandem refere-se a uma bicicleta com dois assentos, que demanda um esforço conjunto para colocá-la em movimento. O nome tandem surge como uma metáfora para designar essa forma de aprendizagem colaborativa, em que há dois falantes nativos ou proficientes de línguas diferentes que entram em um acordo para aprender a língua do outro de maneira voluntária e autônoma (VASSALLO; TELLES, 2006).

O Teletandem é realizado a distância por meio do uso de tecnologia VOIP (voz sobre IP, em português), webcam e recursos de escrita (como aplicativos de troca de mensagens instantâneas) para o ensino e aprendizagem de línguas, como por exemplo, o Skype (um software gratuito que permite a comunicação pela internet), utilizado na UNESP de Araraquara (FCLAr), constituindo-se de uma sessão de interação e uma de mediação.

Costa, Salomão e Zakir (2018, p. 14) explicam que a interação “é o momento em que os parceiros ajudam um ao outro no processo de aprendizagem” em uma conversa com a duração de aproximadamente 60 minutos, na qual dividam um período para a prática de cada língua atentando “não apenas ao conteúdo, mas também à forma dos

respectivos turnos”. A mediação ocorre geralmente logo após a interação, constituindo-se como um suporte pedagógico, por meio do diálogo reflexivo, que visa enfatizar as estratégias de aprendizagem e aspectos culturais e linguísticos que emergem durante a sessão de Teletandem (TELLES, 2015).

Uma das questões de maior preocupação ao se aprender uma nova língua é, segundo De Grandi (2014), a aprendizagem do vocabulário, visto que quanto mais palavras se conhecem, maiores serão as chances de uma comunicação bem-sucedida. Um dos recursos mais tradicionais para a aprendizagem de léxico é o dicionário, portanto ele pode ser considerado um material didático complementar nesse processo.

Enquanto mediadoras do Teletandem do campus da UNESP de Araraquara, pudemos apreender que alguns participantes utilizavam dicionários ou Google tradutor (a ideia inicial era verificar o uso de tradutores, entretanto percebemos que houve uso apenas desse tradutor). Mediadores são as pessoas que auxiliam na logística do laboratório de idiomas e realizam a mediação, um momento que leva o outro à autorreflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos em Teletandem. Diante disso, percebemos a necessidade de explorar o uso que os participantes fazem do dicionário nessa circunstância.

Por meio de pesquisas realizadas no site do Teletandem¹ e na plataforma Parthenon² (uma interface que permite, por meio de busca bibliográfica, pesquisar as produções impressas, eletrônicas e digitais que a UNESP tem acesso) pudemos verificar que não há estudos específicos sobre a utilização de dicionários no contexto Teletandem. Telles (2015) aborda alguns recursos e estratégias de aprendizagem em Teletandem e cita tradutores *on-line*, porém não há registros de pesquisa sobre como se dá o uso de dicionário nesse contexto. Fagundes (2013) afirma que realizou buscas

¹ Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/>. Acesso em: 5 jun. 2019.

² Disponível em: http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br/primo_library/libweb/action/search.do. Acesso em: 5 de jun. 2019.

nos bancos de teses e dissertações de algumas universidades brasileiras conhecidas por elaborarem pesquisas na área da lexicografia, como UNESP, UFRGS, UFMG e UnB, mas não encontrou estudos que abordassem especificamente o uso do dicionário no ensino de línguas em geral. Também realizamos uma pesquisa no banco de teses no site da CAPES³ para verificar se após 2013 surgiram estudos nessa área. Depreendemos que há alguns estudos relacionados à lexicografia e ensino, mas voltados para a sala de aula, e não para ensino nos ambientes virtuais.

O objetivo geral da pesquisa aqui apresentada foi, portanto, investigar se há o uso de dicionários ou tradutores *on-line* e como isso se dá no contexto Teletandem. Iniciaremos discutindo a relação entre a lexicografia pedagógica e o ensino de línguas na era virtual a fim de situar nossa pesquisa. Posteriormente, apresentaremos a natureza da pesquisa, seu contexto e participantes e os instrumentos e técnicas utilizados para a realização da coleta e a análise dos dados.

2 Lexicografia pedagógica e ensino de línguas na era virtual

Finardi e Porcino (2014) afirmam que a globalização influenciou os avanços de novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), que, por sua vez, têm mudado a maneira como temos acesso a informações e como adquirimos conhecimento. Outra mudança é que essas tecnologias alteram o próprio conceito de docência e de educação, atuando não só como suporte pedagógico, mas também como instrumentos que podem facilitar ações, encurtando distâncias e solucionando problemas. Ainda segundo as autoras, o percurso histórico do ensino de línguas, sobremaneira do inglês, é intrínseco à trajetória de usos das tecnologias para fins educacionais.

Fagundes (2013) registra que, desde o fim da década de 1970, começou-se a pensar como atender adequadamente às necessidades do usuário do dicionário, que

³ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 5 jun. 2019.

sempre foi um recurso relevante para o aprendiz de idiomas. Gonzalez (1999, apud CONCEIÇÃO, 2008) considera que o início da aprendizagem de uma palavra se dá pela consulta ao dicionário, colaborando para a aprendizagem mesmo fora da sala de aula, como é o caso do Teletandem. Conceição (2008) julga como “indiscutível” (p. 116) a importância do dicionário na aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), especialmente se combinada a outras estratégias.

Por ser um objeto onipresente, chega a ser difícil determinar quando as pessoas passaram a utilizá-lo. “Ele se configura como um material extremamente popular, manuseado por diferentes públicos e que pode estar presente em diferentes ambientes” (FAGUNDES, 2013, p.51), seja em mídia impressa ou eletrônica. O fenômeno da digitalização foi possivelmente o maior responsável pela expansão dos horizontes e transformação dos dicionários bilíngues (TORRES DEL REY, 2009). As vantagens de se utilizar o dicionário eletrônico vêm da grande quantidade de informação formalizada, que permite realizar operações velozes e eficazes e que possibilita um uso criativo e flexível do dicionário. Essas características somadas à abundância de espaço são aspectos revolucionários do meio digital. Os dicionários eletrônicos são compostos por bits, pulsos de luz minúsculos que podem ser facilmente transmitidos por qualquer suporte magnético (LEFFA, 2006), e não necessitam de acesso à internet para serem utilizados. Os dicionários on-line, por sua vez, como o próprio nome sugere, dependem da conexão à rede mundial de computadores para que seja possível acessá-los.

3 Contexto de pesquisa e critérios para seleção e análise dos dados

Trata-se de uma pesquisa de desenho qualitativo e de cunho exploratório. Segundo Dörnyei (2007), a abordagem qualitativa, ao contrário da quantitativa, busca descrever, compreender e explicar fenômenos cuja complexidade foge da alçada das abordagens quantitativas tradicionais. Além disso, o autor também afirma que o tipo

de pesquisa qualitativa é interpretativista, e, portanto, depende da interpretação subjetiva que o pesquisador fará sobre os dados encontrados.

Já a pesquisa exploratória visa promover maior familiaridade com o objeto de estudo e assim explicitá-lo ou fomentar a construção de hipóteses (GIL, 2007). O presente estudo se caracteriza como exploratório por ser um estudo inicial e pioneiro com o intuito de compreender melhor o uso de dicionários e tradutores *on-line* no contexto Teletandem e como a aprendizagem se dá por meio deles.

Essa investigação foi realizada no contexto do projeto Teletandem, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, mais especificamente no Laboratório de Idiomas, e os entrevistados foram cinco participantes brasileiros que realizaram interações português-inglês com alunos de uma universidade americana. Além deles, coletamos dados nas sessões de mediação de três turmas de Teletandem.

Os instrumentos e técnicas utilizados foram: a) uma entrevista final com os participantes, a fim de entender por que utilizaram ou não dicionários e tradutores *on-line* nas sessões de interação e, em caso afirmativo, de que forma os usaram; e b) gravações das sessões de mediação, que ocorrem após as interações, das quais trechos relevantes foram transcritos para que fosse possível explorar as concepções dos participantes durante suas reflexões com os mediadores. É importante ressaltar que esses dados foram coletados mediante autorização dos participantes e suas identidades serão preservadas, por meio da substituição de seus nomes reais pela palavra “entrevistado/a” seguida de um número.

Após transcrever os áudios das sessões de mediação, identificamos e selecionamos os participantes que mais utilizaram dicionários e/ou o Google tradutor. O passo seguinte foi realizar uma entrevista; após transcrevê-la, identificamos e agrupamos em um total de 5 tópicos os assuntos mais recorrentes abordados pelos participantes no que tange ao uso do dicionário. São eles: 1) o uso de dicionário x tradutor *on-line*; 2) fluidez da conversa x uso do dicionário; 3) nível de fluência x uso

do dicionário; 4) uso do dicionário e/ou tradutor para produção e compreensão oral; 5) concepções sobre o dicionário e seu uso no ensino.

O uso de dicionários impressos não foi abordado porque constatamos que eles não foram utilizados pelos participantes. Na sequência, apresentaremos a análise e a discussão dos dados.

TÓPICO 1: O uso de dicionário *versus* tradutor *on-line*

Através da análise dos dados, foi possível notar que o único tradutor utilizado foi o Google tradutor. O excerto 1 mostra um trecho de uma das participantes de pesquisa que prefere usar o dicionário *on-line* ao tradutor por acreditar que aquele é um instrumento que oferece maior precisão na busca de palavras.

Excerto 1

Eu procurava usar mais o dicionário porque eu achava que ele tinha... ele te dava algo mais preciso (...) às vezes ele pode te colocar numa situação complicada, coisa que, assim... eu acho que o dicionário... ele te dá menos chance disso, porque tipo... ele vai lá, aí ele te dá a palavra. Aí ele dá a classificação da palavra. (Entrevistada 1, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Ao perguntarmos à entrevistada se ela utilizou as duas ferramentas ou apenas uma delas, ela afirmou que usava mais o dicionário do que o Google tradutor, pois o dicionário oferece informações mais assertivas e completas. Portanto vemos que ela se sentia mais segura ao usar o dicionário, por este também oferecer classificação gramatical, o que para ela aumentaria a credibilidade.

No excerto 2, temos a perspectiva de outro entrevistado sobre o uso do Google Tradutor durante as interações de Teletandem. Quando questionado se tinha alguma preferência por dicionários e tradutores impressos ou *on-line*, optou pelo Tradutor *on-line* e justificou:

Excerto 2

Pela praticidade da ferramenta, instantânea, sem necessidade de ficar abrindo abas, ela fica aberta ali e você joga a palavra, ela já te dá uma resposta... acho bem mais fácil. (Entrevistado 2, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

O participante explicou que, para ele, o Google Tradutor é um meio mais prático, que permite que ele deixe a aba do Skype e do Tradutor abertas, uma ao lado da outra, o que provavelmente facilita a busca por palavras e otimiza a dinâmica da interação. Questionado sobre o motivo de uso de dicionários e o tradutor no Teletandem, o participante esclareceu que:

Excerto 3

Quando o problema era o sentido da palavra no português e no inglês, eu usava o dicionário mesmo, no tradutor eu não confiava muito (...). Mas quando era uma palavra que eu não sabia como falar, eu usava o tradutor mesmo. (Entrevistado 2, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019).

Ou seja, havia momentos em que ele preferia usar o tradutor, por exemplo, quando queria apenas uma equivalência em língua estrangeira. Já quando sua necessidade era o “sentido da palavra”, ele recorria ao dicionário, por não julgar confiável os resultados oferecidos pelo tradutor.

No excerto que segue, a entrevistada relata um momento da interação em que ela precisou buscar por uma palavra em inglês, da qual não se lembrava. Primeiramente a interagente pesquisou no tradutor, mas o resultado encontrado não era exatamente a palavra que ela precisava, o que foi possível confirmar ao consultar um dicionário *on-line*.

Excerto 4

Eu comecei a falar sobre Machado de Assis com ela, na hora do inglês. Aí eu quis falar que ele tinha conto, pra ela ler, só que eu peguei gente, como é conto? Aí, tinha esquecido, aí eu fui no tradutor mesmo e coloquei conto, aí

peguei “tell”, aí eu, meu, eu acho que não é, aí eu fui no dicionário e conferi, não era. (Entrevistada 3, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

A entrevistada havia afirmado anteriormente que recorria com frequência ao tradutor, porém nesse caso relatado ocorreu um problema em virtude da polissemia da unidade léxica “conto” em português, que pode ser traduzido de mais de uma forma para o inglês. Ela procurava pelo substantivo, mas o tradutor entendeu a palavra como o verbo conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, portanto ofereceu um equivalente para a segunda possibilidade, uma vez que ela pesquisou a palavra sem contexto, sem expor o uso em uma frase.

Essa análise nos permite constatar que os participantes recorreram ao Google tradutor ou ao dicionário em momentos e por motivos distintos. Costumam fazer buscas no primeiro por considerarem uma ferramenta mais prática e que toma menos tempo, possivelmente para evitar interrupções na conversa com o parceiro. Por outro lado, dão preferência ao segundo quando precisam de maior assertividade e credibilidade ao passar uma palavra de uma língua para outra, majoritariamente do português para o inglês, conforme veremos mais detalhadamente adiante.

TÓPICO 2: Fluidez da conversa X uso do dicionário

No excerto 5, ao ser indagado sobre como ele via o uso do dicionário na dinâmica da interação, o participante expôs que:

Excerto 5

Atrapalha um pouco porque tipo, a gente tem que parar de conversar, eu pego e falo: ah, pera. Aí eu vou lá e pesquiso, entendeu, aí é meio chato porque tipo, até voltar a pegar o ritmo, ainda mais quando é em inglês, tipo que demora pra falar. (Entrevistado 4, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Podemos depreender que ele considera que o uso dessa ferramenta influencia na dinâmica da interação à medida que é preciso pausar a conversa para realizar as buscas, e isso interrompe o assunto, o que dificulta ao tentar retomar o diálogo, principalmente por estar conversando na língua-alvo.

Há também quem considere que a consulta a dicionários e ao tradutor permita uma melhor compreensão da conversa, que não seria possível sem essas ferramentas, conforme vemos no próximo excerto. Ao ser questionada sobre como ela pensava que teriam sido as interações sem o uso desses instrumentos, a participante afirmou que:

Excerto 6

Eu não conseguiria falar algumas coisas que eu queria falar, assim, porque tipo... aconteceu comigo (...) Aí você tenta falar, explicar aquilo, com outras palavras, assim... mas acaba que... às vezes uma palavra-chave... Tipo, ela precisa ser traduzida ali, entendeu? Pra toda a frase ser entendida. (Entrevistada 1, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Podemos inferir que a entrevistada acredita que o uso do dicionário e do tradutor é importante nesse caso, pois o entendimento do assunto depende da compreensão dessa “palavra-chave”.

Encontramos ainda um terceiro ponto de vista, a seguir, em que uma entrevistada compara a consulta ao dicionário ou Google tradutor a recorrer a um parceiro de interação para sanar dúvidas:

Excerto 7

É que do mesmo jeito que você fica pra pessoa: “How do I say tal coisa?” o tempo inteiro. Ah, é isso, isso, isso, também atrapalharia. Acho que acaba dando na mesma do quanto atrapalha. Às vezes até você tentar falar na outra língua o que é, pra pessoa entender, pode atrapalhar mais ainda, que pode demandar muito mais tempo. (Entrevistada 3, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

A participante pondera que as duas formas interromperiam a conversa e tomariam tempo, já que, nesse contexto telecolaborativo de ensino e aprendizagem de línguas, o gerenciamento de tempo é particularmente importante porque se trata de uma interação um a um sobre uma temática de interesse de ambos, com foco na comunicação.

Em concordância com os dados expostos, observamos que a maioria dos participantes afirma perceber a influência do uso de dicionários e do Google tradutor na dinâmica das interações em Teletandem, sob o argumento de que as pesquisas ocasionam interrupções e, portanto, interferem na fluidez da conversa. Por se tratar de um contexto de interação entre os pares, a interrupção também é percebida nas pausas feitas para consultar o parceiro sobre dúvida em relação a vocabulário. Entretanto, segundo a entrevistada 3, isso pode “demandar muito mais tempo” que o primeiro.

TÓPICO 3: Nível de fluência e uso do dicionário

No excerto seguinte, é possível verificarmos que o entrevistado associa a necessidade de consultar um dicionário ou ao tradutor à sua falta de fluência na língua estrangeira.

Excerto 8

Não falo inglês fluentemente, uma palavra eu não vou saber, ou alguma coisa eu não vou entender, eu vou precisar usar. (Entrevistado 4, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Ao ser questionado se havia pensado em recorrer ao dicionário ou ao Google tradutor durante as interações de Teletandem, ele respondeu que acreditava que havia pensado, visto que seu inglês não é fluente, portanto faz um elo entre não-fluência e necessidade de recorrer a esses recursos.

O excerto a seguir mostra a reflexão de uma participante de pesquisa sobre o uso de dicionários e do tradutor à medida que avança no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e que se torna mais competente no uso da mesma.

Excerto 9

E aí eu tinha a ideia de que no momento em que eu ficasse fluente, eu não precisaria mais do dicionário. Aí um dia eu vi um vídeo no Youtube de uma menina que foi fazer um intercâmbio e ela falava que ela se considerava fluente em inglês, porém, mesmo assim ela... às vezes ela não sabia uma palavra e ela ia ao dicionário e tal. E aí isso me fez pensar que tipo... ah, se até no português muitas vezes a gente não sabe uma palavra e a gente procura no dicionário, por que não seria assim numa outra língua, né? Então isso fez com que eu... desconstruísse um preconceito... não exatamente um preconceito, mas uma ideia de que tipo...à medida que eu ficasse fluente, eu não ia precisar mais do dicionário. Mas a questão não é essa porque, tipo, você sempre vai precisar. (Entrevistada 1, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Percebemos que ela faz uma relação entre nível de fluência em uma língua e a necessidade de consultar um dicionário. Para ela, o seu nível de conhecimento em uma língua seria inversamente proporcional à necessidade de pesquisar em um dicionário. Ela explana que mudou sua concepção sobre isso depois de assistir a um vídeo que discutia o tema e, após refletir, concluiu que mesmo em nossa língua materna precisamos utilizar dicionários, logo, faríamos o mesmo na língua estrangeira.

Nossa análise mostra que as visões aqui registradas revelam uma associação entre uso de dicionários e do Google tradutor e nível de fluência em uma língua estrangeira. De modo geral, as opiniões convergem para o entendimento que quanto maior a competência do indivíduo em outra língua, menor será a necessidade de valer-se desses instrumentos. Há, contudo, outros olhares sob outros prismas, conforme constatamos na última passagem, em que a entrevistada relata um processo de reflexão e desconstrução pelo qual passou.

A partir disso, podemos depreender que, de acordo com esse raciocínio, quanto maior a competência linguística do participante, maior será a fluidez da conversa no sentido de que não será necessária a utilização desses recursos.

TÓPICO 4: O uso do dicionário e/ou tradutor para produção e compreensão oral

O excerto 10 apresenta a resposta do entrevistado à pergunta sobre em que momento ele utilizava o Google tradutor.

Excerto 10

Difícilmente do inglês pra português porque eu tenho uma facilidade maior de entender a língua do que de falar. Se fosse uma palavra que ele falasse em inglês e eu não soubesse o que significaria, eu diria “I’m sorry, I didn’t understand”, então sempre foi mais essa questão de traduzir do português pro inglês que eu usei o tradutor. (Entrevistado 5, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Notamos que ele fazia uso dessa ferramenta apenas para traduzir do português para a língua-alvo. Já para fazer o contrário, ele preferia perguntar para seu parceiro de Teletandem.

No excerto número 11, o entrevistado, assim como o anterior, afirma que utilizou o Google Tradutor para pesquisar palavras da língua materna para a estrangeira.

Excerto 11

Pra palavras que eu não tinha no meu vocabulário estrangeiro, aí eu recorri ao Google e eu consegui explicar e trazer à conversa... pontualmente até algumas frases, né, que tivesse uma elaboração um pouco fora do que eu conhecia da gramática. (Entrevistado 2, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Ele salientou que além de pesquisar palavras, buscava também por frases sobre cuja construção gramatical tinha dúvidas.

De acordo com os excertos do Tópico 4, podemos averiguar que o Google Tradutor era utilizado exclusivamente para traduzir do português para o inglês. Um dos entrevistados justifica que, em seu caso, essa especificidade se deve ao fato de ele “ter uma maior facilidade” em compreender a língua do que de falar. Se quisesse, ao contrário, traduzir uma palavra do inglês para o português, a estratégia eleita era a de perguntar ao parceiro. Por sua vez, o outro salienta que, como o tradutor permite pesquisar por frases inteiras, ou seja, pesquisar a palavra em um contexto específico, era possível utilizar estruturas gramaticais além das que ele já conhecia.

TÓPICO 5: Concepções sobre o dicionário e seu uso no ensino e aprendizagem

No excerto subsequente, acompanhamos a reflexão da participante acerca de como o uso do dicionário poderia ter sido útil para validar se uma palavra “existe” a partir do registro em um dicionário para dar um *feedback* mais preciso ao parceiro aprendiz de português.

Excerto 12

Aí depois eu pensei, nossa, eu podia ter pego, usado no dicionário mesmo pra ver o que seria barraca e se existia suqueria ou não, sabe? Eu poderia ter procurado o dicionário pra isso, aí eu pensei que às vezes a gente pode usar o dicionário, por exemplo, porque tem vezes que eles falam alguma palavra e a gente fica, ai, mas essa palavra não existe no português, aí tipo “ah, mas será que não existe?”. Pra ajudar a gente a como dar o feedback do português deles, desse uso que nunca passou pela minha cabeça. (Mediação, Turma 8, dia 22 de maio de 2019)

A participante relata que, em determinado momento, ficou em dúvida sobre qual a equivalência em português mais adequada para uma palavra em língua estrangeira usada por sua parceira e concluiu que, se tivesse recorrido ao dicionário, poderia validar suas suposições e, por conseguinte, dar uma resposta mais precisa a sua parceira.

No excerto 13, a participante aparenta ter a mesma concepção da pessoa do excerto anterior, uma vez que afirma que, em alguns casos, podemos falar alguma palavra errada, que não existe, então o melhor seria pesquisar antes.

Excerto 13

Eu acho que é importante porque, às vezes a pessoa pergunta como fala, que nem ela falou, usar para ensinar, porque às vezes você fala alguma coisa errada também, porque a gente cria palavra que não existe também, é normal... se a pessoa tá falando num sentido, você traduz com um sentido, mas você não chega a fundo o que é a palavra. (...) Então acho que é um cuidado, com o uso do dicionário a gente consegue falar olha, nesse contexto é isso, mas ao pé da letra é isso, sabe? (Mediação, Turma 8, dia 22 de maio de 2019)

A participante chega a considerar a consulta ao dicionário como um “cuidado”, nos permitindo inferir a importância de tal atitude, pois a palavra pode ter diferentes sentidos dependendo do contexto, isto é, se está sendo usada em um sentido denotativo ou conotativo.

A partir dos fragmentos prévios podemos interpretar que, embora nem sempre o dicionário chegue, de fato, a ser utilizado, como observamos no primeiro excerto, ainda assim a participante reflete e conclui que seu uso pode colaborar para aprendizagem em Teletandem do parceiro à medida que possibilita validar a existência de uma palavra por meio do registro em dicionário, e, por conseguinte, oferecer um *feedback* mais preciso ao parceiro.

No excerto que segue podemos depreender a ideia que o entrevistado tem sobre dicionários: que “é só aquele de papel”.

Excerto 14

Pra mim (...) eu ainda fico com aquela ideia de que dicionário é só aquele do papel... não sei, às vezes posso até pensar que um dicionário on-line seja uma coisa um pouco mais dinâmica, às vezes a gente consiga... por ser mais atualizado, consiga... essa questão de expressões, não sei o que seria... mas

aí é porque... é questão de nunca ter usado mesmo, e fica aquela coisa, né? De dicionário ser só de papel, então, acaba que sendo um pouco meio ignorante nessa questão. (Entrevistado 5, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019).

Podemos averiguar ainda que essa visão acaba por impedi-lo de utilizar a versão *on-line* da ferramenta. Cita ainda a falta de costume como outro motivo para não recorrer ao dicionário.

As informações contidas no excerto 14 nos possibilitam inferir que concepções de como se caracteriza um dicionário podem afetar a maneira como os participantes se relacionam com este recurso. Por considerar que dicionário “é só o de papel”, o participante, que não leva uma versão impressa às interações, tampouco utiliza sua versão *on-line*.

4 Considerações finais

Este estudo teve como intuito realizar uma primeira investigação sobre como o Google tradutor e os dicionários são utilizados no contexto Teletandem. A primeira constatação é que apenas uma minoria de participantes afirma utilizar esses recursos e, quando o fazem, usam exclusivamente versões *on-line*. A análise dos dados, obtidos por meio de sessões de mediação em grupo e entrevistas individuais, nos permitiu constatar que tanto o Google tradutor quanto dicionários *on-line* são utilizados pelos interagentes, porém em circunstâncias e com objetivos distintos.

Em linhas gerais, os participantes afirmam recorrer ao tradutor para realizar buscas mais rápidas e práticas de palavras ou significados de palavras que desconhecem, seja em sua língua materna ou na língua estrangeira. Outra particularidade é seu uso exclusivo para traduzir do português para o inglês. Para fazer o caminho oposto, um participante afirmou que preferia recorrer ao parceiro. Por outro lado, favoreciam o uso de dicionários quando buscavam maior confiabilidade e assertividade nos significados.

Os participantes relataram que ao realizarem pausas para pesquisar no dicionário ou tradutor, percebiam uma interferência na fluidez da conversa com o parceiro. Verificamos também que há outros pontos de vista sobre a questão, em que uma das entrevistadas pondera que recorrer ao parceiro para sanar uma dúvida pode interferir na fluidez da conversa tanto quanto utilizar dicionários e o tradutor. Outra participante declarou ainda que sem o respaldo de dicionários e do tradutor, em determinados momentos específicos, a comunicação teria sido prejudicada.

Observamos também que os participantes associam o nível de fluência na língua à necessidade de recorrer ao dicionário e tradutor: quanto maior a fluência, menor seria essa necessidade. Em contrapartida, uma das participantes concluiu que recorreremos ao dicionário para fazer um uso mais competente de nossa própria língua materna e, portanto, não há por que não o fazer ao estudar uma língua estrangeira. Ademais, não nos passaram despercebidas as reflexões sobre o não-uso do dicionário: mesmo quando não era utilizado, os participantes reconheciam o quanto ele poderia ter sido um importante aliado na hora de oferecer um *feedback* mais acurado ao parceiro. Uma das participantes chegou a considerar a ação como um “gesto de cuidado”.

Esperamos que esta pesquisa preliminar ajude a fomentar o interesse de mais pesquisadores sobre o papel de dicionários e tradutores na modalidade de Teletandem, por meio de investigações que elucidem as estratégias usadas pelos alunos para a inserção de tais recursos na sessão de interação, que mostrem as possibilidades trazidas por eles para as trocas realizadas entre os aprendizes, ou ainda que analisem a relação entre o seu uso e o desenvolvimento da compreensão e produção oral dos participantes, gerando encaminhamentos para a prática que possam auxiliar os participantes a usar esses recursos de forma a melhorar sua aprendizagem nesse contexto.

Referências bibliográficas

CONCEIÇÃO, M. P. O dicionário na aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira/inglês. **The ESpecialist**, vol. 29, nº 1, Brasil, PUC-SP, p.113-135, 2008.

COSTA, L. M. G.; SALOMÃO, A. C. B.; ZAKIR, M. A. Telecolaboração transcultural e transcontinental para aprendizagem de línguas estrangeiras: propostas e desafios. **Revista do GEL**, v. 15, n. 3, p. 9-25, 2018. DOI <https://doi.org/10.21165/gel.v15i3.2433>

DE GRANDI, L. **Uso do dicionário no ensino de língua espanhola: proposta de guia teórico-metodológico para professores**. 2014. 162 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115992>. Acesso em: 17 maio 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, 2011.

DÖRNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics: Quantitative, qualitative, and mixed methodologies**. Oxford: Oxford University Press.

FAGUNDES, R. B. **O uso de dicionário no ensino de vocabulário de língua inglesa**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/6187/4510>. Acesso em: 17 maio 2019.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Ilha Desterro**, Florianópolis, n. 66, p. 239-283, June 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217580262014000100239&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 01 ago. 2019. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2014n66p239>

GARCIA, D. N. M. A logística das sessões de interação e mediação no teletandem com vistas ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 44, n.2, p. 725-738, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1007/589>. Acessado em: 17 maio 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HWANG, A. D. Dos primórdios à Nova Lexicografia. In: HWANG, Á. D.; NADIN, O. L. (org.). **Linguagens e Interação III: estudos do léxico**. v. 3. Maringá: Clichotec, 2010. p. 33-45.

LEFFA, V. J. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 18, p. 319-340, 2006.

SALOMÃO, A. C. B. **A cultura e o ensino de língua estrangeira: Perspectivas para a formação continuada no projeto teletandem**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SILVA, S. V. da; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Teletandem language learning in a technological context of education: Interactions between Brazilian and German students. **DELTA – Revista de Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 31(3), p. 729-762, 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445068781234723614>

TELLES, J. A. Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies. **DELTA – Revista de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. 3, p. 651-680, 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-4450226475643730772>

TORRES DEL REY, J. Dictionarios electrónicos bilingües: nuevas posibilidades de futuro. In: FUENTES MORÁN, M. T. (ed.). **Investigaciones sobre lexicografía bilingüe**. Granada: Tragacanto, 2009. p.81-116.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Foreign language learning in-tandem: Theoretical principles and research perspectives. **The ESPECIALIST**, v. 27(1), Brasil, PUC-SP, p. 83 – 118, 2006.

Artigo recebido em: 23.10.2019

Artigo aprovado em: 17.06.2020